

## **“DESVENDANDO O UNIVERSO SIMBÓLICO DO CONDOMÍNIO PENÍNSULA, BARRA DA TIJUCA– RJ”**

**Aluno: Anwar Naciff Elwasiaa**

**Orientador: Leo Name**

### **Introdução**

O nosso recorte espacial, localizado na Barra da Tijuca, bairro da zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, é fruto de um grande projeto empreendedorista da década de 1980, da construtora Carvalho Hosken, assim como também, de um intenso processo de especulação imobiliária ao qual se “determinara” o prolongamento da Zona Sul da cidade – região nobre, de alta reprodutibilidade no imaginário turístico, historicamente onde se concentraram investimentos públicos em melhorias urbanas e produção de amenidades, e habitada majoritariamente por diversos estratos de classe média e da elite carioca – para os bairros de São Conrado e Barra da Tijuca. Esse processo especulativo não acontece ao acaso. Na verdade ele vai ao encontro dos interesses do Estado na constituição de um lugar “à parte da cidade”, devendo apresentar-se com filosofia própria, calculado, medido, ordenado – lembremos do projeto urbanístico elaborado pelo arquiteto Lucio Costa, expoente da arquitetura e urbanismo modernistas no Brasil, para a baixada de Jacarepaguá –, voltado para uma classe social de maior poder aquisitivo (consumo). Destarte, para a materialização desse “magnífico ideário modernista”, ao qual a Barra da Tijuca faz parte, foi preciso a união de dois agentes produtores e modificadores do espaço: o Estado e o grande capital imobiliário. O primeiro atuando, inicialmente, na construção de um complexo sistema viário (estradas, viadutos, túneis, elevados); na implantação da infraestrutura urbana necessária e, principalmente, regulação, mediante um plano urbanístico, desse processo [1]. Já o segundo focou seus olhos para a construção de grandes projetos (“condomínios fechados”), como por exemplo, a Península.

Posto o “pano de fundo” em relação à construção do condomínio Península, podemos passar as suas características, digamos... “peculiaridades”. Tanto a construção quanto a publicidade em torno do condomínio Península se deu sob os “gritos imobiliários” de preservação do “verde”, da fauna, vida ao ar livre, dentre outros chamarizes comerciais. Agregando valores simbólicos e imobiliários à localização do empreendimento, a construtora alega que investiu maciçamente na reintrodução da flora e fauna nativa dos ecossistemas de manguezal e restinga, caracterizando assim, com base na visão da construtora, a recuperação desses ecossistemas. Ainda que não seja nosso objetivo aqui julgar a validade das informações dadas pela construtora acerca da recuperação ou não desses ecossistemas, cabe-nos constatar e afirmar que a paisagem do condomínio Península, com base no seu “espectro natural”, exerce um poder simbólico naqueles que moram ou pretendem morar no local, tornando-se ferramenta persuasiva – de marketing, para venda e consumo –, convertendo o espaço em objeto de desejo. Temos assim mais um novo produto – no caso a paisagem fetichizada sob o símbolo de natural – dentro de um sistema de sobreposição de lucros.

### **Objetivos**

Buscamos, primeiramente, identificar os indivíduos – ou de certa forma, culturas – responsáveis pelo ato de “grafar” e, principalmente, pela criação de certos “objetos”. Estes, por sua vez, irão se tornar em diversos “símbolos”, estando de acordo com àqueles que os “lêem”. Dessa forma, buscaremos também entender as intencionalidades por detrás da “edificação” desses “símbolos”. Além disso, tentaremos identificar quais são os “símbolos” contidos nos objetos

da paisagem deste condomínio. Por fim – mas não acabando por aqui – objetivamos defender a idéia de que as paisagens, assim como do nosso recorte espacial, são construções sociais, aonde se pode projetar nela um imaginário.

### **Metodologia**

O presente trabalho tem como recorte espacial o condomínio Península e objeto de estudo a paisagem do mesmo. Para compreensão deste usamo-nos de autores que trabalham com base em uma abordagem cultural da paisagem. São eles: Paes [2], Berque [3], Melo [4], Corrêa e Rosendahl [5], Cosgrove [6].

### **Considerações**

A paisagem do condomínio Península apresenta-se repleta de símbolos criados por uma cultura “imobiliária-mercadológica” – no qual fazem parte os promotores imobiliários, o Estado e os moradores –, que tenta se colocar como dominante, produzindo paisagens de acordo com o seu mundo e projetando-o para a realidade de todos.

Nessa produção da paisagem, objetos são criados para se constituírem como símbolos para a sociedade. Dentre eles podemos identificar o do “verde”, do privado, do caráter exclusivo e do “status social”. Esses símbolos, diante do poder que exercem sobre aqueles que os lêem, acabam se tornando ferramenta persuasiva – de marketing, para venda e consumo –, convertendo o espaço em objeto de desejo. Assim, conclui-se que a paisagem da Península que fica aqui é complexa, diversa, simbólica, híbrida e social. Escapar da “fetichização” ao qual faz parte, se apresenta como necessidade para compreensão real do objeto de estudo em questão.

### **Referencias**

- 1- REZENDE, Vera e Gerônimo LEITÃO. Plano Piloto para a Barra da Tijuca e Baixada de Jacarepaguá, a Avaliação dos Ideais Modernistas Após Três Décadas. XVII Congresso Brasileiro de Arquitetos, Rio de Janeiro, 2003.
- 2- PAES, Maria Tereza Duarte. “A (re)significação da paisagem no período contemporâneo”. In: *Paisagem, Imaginário e Espaço*. Org. Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.
- 3- BERQUE, Augustin. “Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural”. In: *Paisagem, Tempo e Cultura*. Org. Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004.
- 4- MELO, Vera Mayrinch. “Paisagem e Simbolismo”. In: *Paisagem, Imaginário e Espaço*. Org. Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.
- 5- CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004.
- 6- COSGROVE, Denis. “A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas.” In: *Paisagem, Tempo e Cultura*. Org. Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004.